

1 – Origens – Guaxupé e sua história.

1.1 – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A exemplo do que acontece com quase todas as cidades do Brasil, a memória histórica de Guaxupé, é frágil e confusa. Com o tempo, fatos e acontecimentos que marcaram uma época se perdem aos olhos de poucos interessados que procuram revelar e registrar a história. Muitos dos fatos foram sendo passados de pai para filho, através da história oral e muito se perdeu no tempo.

O que consta em livros, revistas, almanaques, trabalhos individuais de memorialistas é quase sempre parcial e sempre exaltam um passado glorioso. Homens corajosos e cheios de vontade que saíam em busca de aventuras e um futuro melhor, quase sempre retratados como heróis de um passado longínquo.



Tropeiros de Minas Gerais em meados do século XVIII – Gravura de Debret

1.2 – Os Primórdios de Nossa Senhora Dores de Guaxupé

Guaxupé, como muitas das cidades mineiras, nasceu com o fim da mineração. A cidade foi fruto de homens que saíam em busca de terras virgens, desbravando as matas que iam de São João Del-Rei aos lados da divisa com a Província de São Paulo. Pode-se dizer que no início, Guaxupé foi uma, dentre tantas, um rancho de pouso para tropeiros. Destas pousadas, a história foi sendo contada de pai para filho até que começaram a aparecer alguns registros sobre a história do lugar, como o famoso *Almanach Sul Mineiro*, organizado redigido e editado pelo jornalista Bernardo Saturnino da Veiga em 1874.

Segundo o memorialista, José Ribeiro do Valle e Geraldo Ribeiro do Valle, em seu livro “Guaxupé, Memória Histórica. A Terra e Gente”, 1985 – pág. 5, muitos “causos” são contados e dentre eles o próprio nome da cidade e outros temas de estudos e deduções.

1.3 – A Lenda

“Lá para 1814, arranchou um tropeiro à beira do Ribeirão Jacuba, junto ao um frondoso ingaseiro. Não longe havia uma árvore de taruman, onde os camaradas descobriram uma casa de inxú, de saboroso mel. Na ramaria, mui alto, um ninho de guache. Abateram a árvore e aproveitaram o mel.

Na manhã seguinte partiram, mas esqueceram o machado no toco do taruman, e o capataz, caminho adiante, percebendo interpellou o cosinheiro que respondeu:

—*Não me alembro delle, nhor não!*

—*Pois vorta, vai buscé elle... ficou no mé do inxú, la no taruman ao pé*, explicou o tropeiro.

É esta a linguagem do caipira de Minas Gerais, expressiva e característica.

Afirmavam que toda vez que essa gente transitava por aqui, de longe em longe, recordava esse fato e repetia sempre a frase do tropeiro... *ficou no mé do inxú no taruman ao pé... guache ao pé*, e que daí derivou ou originou o nome de *Guachupé*, aplicado ao Ribeirão Jacuba, por substituição, desde a confluência do Rio do Peixe para baixo, isto é, do ponto em que dizem, arrancharam os tropeiros, nome esse que mais tarde foi alterado por *Guaxupé*, e aplicado à povoação”. (Álbum de Minas Geraes, organizado por Sr. Roberto Capri – 1916).

1.4 – Os Primeiros Habitantes da Região – Bugres e Quilombolas

De acordo com nossa pesquisa, a documentação existente para analisar a origem da população da região, é escassa. Parece que a região já era habitada muito tempo antes de se formar um núcleo de população propriamente dito.

O início da povoação de Guaxupé, é anterior a 1800, com a presença de alguns poucos bugres, possivelmente Cataguases. Nos rastros desses índios andaram Nicolau barreto e André de Leão em 1601, indo até os sertões da Mantiqueira. Anos depois, em 1646, partindo de Taubaté, foi a vez de Félix Jacques, que rompendo a mesma serra, chegou ao planalto Sul Mineiro. Mais tarde, Francisco Proença, penetrando a bacia do Rio Sapucaí descobriu a região. Assim, novos descobridores recortaram essa região, ainda no sul de Minas em todas as direções, por onde passavam deixavam as primeiras habitações e novos caminhos abertos. Diz-nos A. Nascimento e Moura, nas suas “Reminiscências do Sertão de São Paulo”: “*Vieram, com suas mulheres, com seus filhos, com o que podiam transportar, em carros de boi, em caminhadas longas, de meses, em busca do que conheciam vagamente, por contraditórias informações. O que tinham certeza era que vinham para uma zona em que as terras eram, forçosamente, baratas, por despovoadas. Vinham de onde? Da zona limítrofe com São Paulo: eram quase todos de Santa Rita de Cássia, Passos, Cabo Verde, Machado, Alfenas, etc.*”.

Segundo o professor e pesquisador Tarcísio José Martins, em seu livro: Quilombo do Campo

As celebrações em Santa Bárbara das Canoas, revestiam-se, comumente, de tocantes solenidades, que exigiam despesas avultadas.

Para dirigir os festejos, e regularizar os gastos, aventou o padre, a idéia de constituir, uma comissão composta de um juiz e uma juíza, escolhidos dentre as pessoas de maior respeito e acatamento, a qual foi acolhida, por todos e logo posta em prática.

Algum tempo depois, os primeiros desentendimentos surgiram. Alguns não queriam a repetição das nomeações, enquanto não esgotasse o pessoal todo, a pretexto de que todos tinham o mesmo direito, como ainda por queixas repetidas contra as despesas, que a cada vez se avolumava mais.

Numa dessas comissões (a última por sinal), o padre teve que nomear certa juíza de condições suspeitas, para o mês vindouro. O juiz, que lhe devia servir de companheiro, também pessoa pouco digna, julgando-se ofendido no seu amor próprio pela aquela nomeação, exasperou-se e fez sérias ameaças ao bom pastor de São Carlos do Jacuhy. Os moradores daqui do lugar, sabendo das ameaças, levaram ao conhecimento do padre. Na passagem por aqui, com destino a Santa Bárbara das Canoas, persuadiram-no que não prosseguisse viagem, e celebrasse missa aquele dia, na fazenda de Paulo Carneiro Bastos.

Foi então celebrada a primeira missa em Guaxupé, em 1837.

Esse fato é considerado como a fundação do arraial e o fim das exaustivas caminhadas a que estavam sujeitos, pois os moradores do lugar resolveram construir uma igrejainha, onde pudessem satisfazer seus deveres religiosos.

E, com efeito, convocados, todos depois da missa, resolveram logo as providências a tomar, de princípio, e dentre elas, as seguintes: que Paulo Carneiro Bastos, doaria o terreno, para a formação do patrimônio (vinte e quatro alqueires, mais ou menos), cederia várias edificações, inclusive a própria casa de morada, que ficaria sendo a casa paroquial, cuja casa se achava situada onde hoje faz esquina a Rua João Pessoa com a Avenida Conde Ribeiro do Valle, (onde hoje situa-se As Casas Pernambucanas), antigamente denominadas de: rua do Comércio e Avenida Paulo Carneiro Bastos).

Paulo Carneiro Bastos, construiu então, nova casa de morada em suas terras, conhecida como “Nova Floresta”.

Assim, ao lado da casa paroquial, improvisaram, espaçosa igreja de Nossa Senhora das Dores de Guaxupé, construída, parte de madeira e parte de pau a pique e coberta com esteira.

A embrionária povoação não tardou a aumentar, formando, poucos anos depois, um centro de comércio até que bom, cujo nome era bem comentado nas redondezas.

1.6 – Alguns Aspectos Político Administrativos

Em 30 de maio de 1853, em virtude da Lei nº 623, foi elevada a Distrito de Paz, pertencente ao termo de Jacuhy.

Tinha já o seu cemitério, que ficava a quase quatro quilômetros da povoação, nas proximidades onde hoje localiza-se a abandonada Estação Ferroviária do Japy.

Em 1856, foi criada a Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Guaxupé, conforme documentos constantes nos arquivos da atual Catedral, nesta época, fazendo parte do Bispado de Pouso Alegre, sendo seu primeiro vigário, o Revmo. Padre João José de Paiva.

Em 23 de junho de 1864, pela lei nº 1.189, foi o Distrito de Paz, promovido a Freguesia de Nossa Senhora das Dores de Guaxupé, passando a seguir para São Sebastião do Paraíso. Em setembro desde mesmo ano era inaugurada a antiga Matriz (demolida em 1942). As obras para a construção foram chefiadas pelo mestre de obras, Francisco Pereira do Nascimento, que deixou traços indeléveis do seu fino gosto artístico.



Aspecto da Praça da Matriz no início do século XX



Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores

Em 1878, pela lei nº 2.500 de 12 de novembro, a Freguesia Dores de Guaxupé, passou a pertencer a antiga Vila de Muzambinho.

Com a lei nº 556 de 30 de agosto de 1911, foi elevada a Vila, sendo instalada em 1º de junho de 1912, desligando-se do município de Muzambinho, com a posse da primeira Câmara, que ficou assim constituída: presidente e Agente Executivo, Coronel Antônio Costa Monteiro, vereadores: Joaquim Costa Filho, João Cruvinel, Domingos Romeiro Primo, Agenor Alves de Araújo, Luiz Puntel e Américo Albino d Almeida Cyrino.



Coronel Antônio Costa Monteiro

Primeira Câmara Municipal e Prefeitura - 1925

Quatro depois, a 18 de setembro de 1915, em virtude da lei nº 663, foi Guaxupé elevada a categoria de cidade e de acordo com o artigo 20º dessa mesma lei, criado o Termo de Guaxupé, anexo a Comarca de Muzambinho, tendo lugar a sua instalação no dia 15 de junho de 1917.

É deste ano também, a instalação da primeira Câmara Municipal, no dia primeiro de junho e tendo como presidente o Coronel Antônio Costa Monteiro, que também exercia o cargo de Agente executivo, denominação correspondente a de Prefeito.

No dia 03 de fevereiro de 1916, é criado o Bispado, tendo como primeiro Bispo D. Antônio Augusto de Assis, deslocado da Diocese de Pouso Alegre.



Aspecto da Vila Dores de Guaxupé – 1910



Tropeiros no antigo centro histórico

Em 1925, pela lei estadual nº 879, de 24 de fevereiro, foi criada a Comarca de Guaxupé, e a sua instalação se deu em 1º de janeiro de 1926, sendo o primeiro Juiz de Direito, Dr. Eurico da Silva Cunha, tendo como Promotor Público, Dr. Lauro Maciel de Sá.

Eis, pois, alguns fatos genéricos e marcantes da trajetória histórica da cidade de Guaxupé, desde o descobrimento da região, até a conquista de sua emancipação política administrativa.

E assim, como está gravado em seu Brasão Municipal: "Ápice, Apta, Apis", a cidade avança a passos largos rumo ao progresso e ao bem-estar de seus habitantes.

1.7 - "Ápice, Apta Ápis" - O Brasão de Armas de Guaxupé

A Câmara dos Vereadores de Guaxupé, oficializou o Brasão da cidade, através de lei Municipal nº 233 de 27.04.1961.

Trata-se de um trabalho de grande mérito, autêntica celebração emblemática daquilo que mais e melhor possa definir a cidade: origem do nome, situação geográfica, evocação dos fundadores, enfim, tudo em harmonioso conjunto resumido numa legenda que espiritualiza.

A criação foi do poeta Guilherme de Almeida, a maior autoridade em heráldica no país.

Vemos um escudo português ou arredondado, a lembrar a raça descobridora e colonizadora, em blau, ou seja, em azul, cor emblemática da lealdade, virtude das nobres cidades. A abelha chamada Guaxupé, que deu nome a cidade e mais tarde ao ribeirão, em cujas margens o povoado, vem representando espalmada no terço superior do escudo, correspondente à cabeça, ao pensamento, ao espírito da prosperidade. A coroa mural de ouro, consagrada a cidades ou capitais, indistintamente, ostenta quatro torres, das quais se veem uma inteira e meia de cada lado, O escudete com as armas dos Ribeiro do Valle, é uma homenagem aos fundadores da cidade, como é uso corrente em brasões municipais. Como suporte, ramos de café frutificado, riqueza maior do município, representados em sua cor natural, folhas e frutos. Em sua cor natural. Ápice, Apta Ápis, é a divisa, traduzindo: a abelha, pronta para atingir alturas, exprimindo um ideal de progresso. Exclusivamente composta para este Brasão de Armas, expressa em latim para ter universalidade e perenidade. Escrita em ouro, pois nos Brasões as divisas devem ser sempre em metal.



Bandeira oficial e escudo de Guaxupé

Primeira Bandeira da cidade

1.8 – O Hino Municipal

O Hino Municipal foi oficializado em 10.10.1980, através da resolução nº 150. A letra é de autoria de Jarbas Bayeux, teve o arranjo musical de Vicente Prado. Ambos filhos da terra.

Há uma terra tão catita
é tão linda e tem mil flores,
esta terra tão bonita
da senhora mães das Dores.

Guaxupé, terra formosa,
Guaxupé, terra vibrante,
tua gente é valorosa
que caminha sempre avante.

Aqui, somos felizes!
Aqui nós temos fé!
Tuas tardes têm matizes
oh querida Guaxupé! (refrão)

Teu passado se reflete
no presente em que vivemos
teu futuro que promete
É glorioso, nós prevemos.

És a terra das abelhas
és a forja do trabalho
espargindo mil centelhas

Canta e vibra o teu malho.

1.9 – Aspectos da Toponímia – A Abelha Guaxupé

Segundo Warwick E. Kerr, geneticista da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, na Universidade de São Paulo e professor de Biologia na Universidade Federal do Maranhão, diz que no Brasil existem milhares de abelhas das quais cerca de 3.000 espécies são sociais, a grande maioria é solitária. As abelhas sociais pertencem a três tribos diferentes: as mamangavas, que fazem seus ninhos em moitas de capim. Pertencem à tribo Bombini, as abelhas européias, que segundo Dr. Paulo Nogueira Neto, foram trazidas de Portugal para o Brasil em 1.859, por Antônio Carneiro, pertencem à tribo Apini e são todas de uma mesma espécie, *Apis Melifera* e finalmente, as abelhas das quais os índios retiravam o mel e a cera, conhecidas genericamente entre nós por abelhas ASF (abelhas sem ferrão), abelha do mato, etc. Pertencem à tribo Meliponini.

Um grupo dessas abelhas pertencem ao gênero *Melipona*. São as abelhas maiores de asas mais curtas que o corpo, e que não fazem células especiais para criarem suas rainhas. São Meliponas as seguintes abelhas existentes nos arredores de Guaxupé: as mandaçaias, (*Melipona quadrifasciata*), as manduris (*Melipona marginata*), as tuiuvas (*Melipona rufiventris*), as guapurús (*Melipona niger*), entre outras.



Tipos de abelhas sem ferrão (Melipona), ainda encontradas em Guaxupé – 2015 – foto: Marcos David

Outro grupo pertencente ao gênero *Trigona*. São abelhinhas mais delgadas, com a asa ultrapassando levemente o abdômen, e que constroem células especiais para o nascimento de suas rainhas. Seu tamanho varia muito, desde as minúsculas mirins (*Trigona Schrottkyi*), até a enorme sanharão (*Trigona amalthea*), existem também as que fazem ninho subterrâneo, como a mombuca (*Trigona mombuca*), a mirim da terra (*Trigona subnuda*), as que fazem ninhos em raízes podres das árvores velhas, como a abelha-cachorro (*Trigona fulviventris*), as que fazem seu ninho dentro de tronco de árvores, como a mandaguari (*Trigona Jatay*), até aquelas que fazem ninhos exteriores como a irapuá

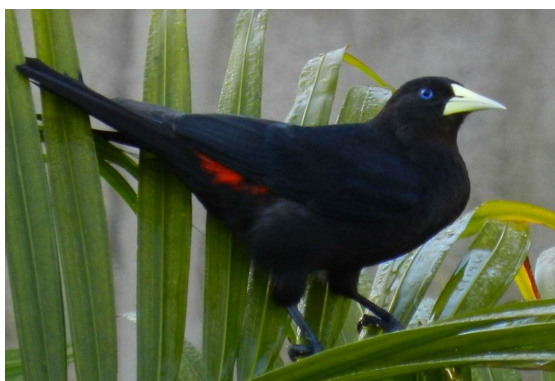
(*Trigona Spinipes*), a irapuá de asa branca (*Trigona hyalinata*), a guaxupé (*Trigona cupira*), etc.

Diante da variedade dessas abelhas Meliponas, os caboclos “meleiros”, dizem que conhece-as mais comumente, pelo nome popular de abelha *Guaxupé*.

1.10 – O Guaxe

Rodolfo Von Ilhering, Oliverio Pinto e Eurico Santos, escreveram sobre o Guaxe (*Cacicus haemorrhus afinis*), pássaro canoro, icterídeo de cor preta, dorso inferior escarlate e bico amarelo, relativamente longo e aguçado. Vivem os Guaxes em bandos e gostam de frequentar as lavouras e pomares. Constroem ninhos curiosos em forma de longos sacos feitos de barbas de pau entremeados de capim de dependurados nos galhos de árvores á beira de rios ou de talos de palmeiras. São barulhentos, loquazes e gritos ásperos: promovem vozerio infernal quando estranhos se aproximam de suas colônias quebrando o silêncio da mata. Sua voz é um grito áspero e repetido, daí o nome vulgar, Guaxe. O canto, fora de seus gritos de alarma, é apreciável. Possuem o talento de imitar o canto de outras aves e, às vezes, de certos animais. Tem cheiro peculiar pouco agradável. Alimentam-se de insetos mas gostam também de frutas, como laranjas maduras, que furam com seu bico aguçado em busca da polpa saborosa. O macho mede cerca de 30 cm e a fêmea é um pouco menor, Põe dois ovos e fazem duas posturas por ano. Pertencem à mesma família de outros passeriformes como o Japu, a Graúna, o Corrupião, o xexéu e o João Congo.

Ocorre praticamente em todo o Brasil e demais países amazônicos, encontrados também nos demais países amazônicos e seu estado de preservação é pouco preocupante.



Guaxe (Cacicus haemorrhus afinis) – Foto: reprodução

1.11 – Tarumã

Segundo pesquisa das biólogas: Geraldine Marques Maiochi e Míriam Prochnow, o Tarumã (*Vitex montevidensis*), também conhecido como azeitona do mato, tem nome de origem Tupi guarani,

Taruman e significa “fruta escura de fazer vinho”. Provavelmente os frutos eram utilizados pelos indígenas para fazer algum tipo de bebida fermentada.

Ocorre de Minas Gerais, até o Rio Grande do Sul, Uruguai, Paraguai e Argentina, especialmente nas florestas estacionais e nas florestas com araucárias, predominando nas beiras de rios, as chamadas matas ciliares. A árvore mede de quatro a 12 metros de altura quando isolado e chega a 20 metros de altura quando no meio da floresta. Tem uma copa em forma de taça em bordas arredondadas e sua casca é de um tom cinza escuro.

As suas flores são melíferas. Os frutos são comestíveis, tendo um gosto adocicado, podendo ser consumidos in natura ou usados para fazer doces, tipo goiabada ou licores. Também são muito procurados e apreciados por macacos, pássaros, abelhas e outras espécies de fauna. Chegam a ser usados até como isca para pescaria. Na medicina popular, as folhas em infusão são usadas como diurético e depurativo do sangue.

Além de ser espécie importante para uso em projetos de restauração florestal, é também uma espécie boa para uso em projetos de paisagismo, por conta de seu potencial ornamental.

Dizem os antigos moradores de Guaxupé, que os soldados que participaram da Revolução Constitucionalista de 1934, quando aqui estiveram, praticavam tiro ao alvo, em um tronco de um frondoso Tarumã, existente próximo à Polenghi Laticínios.

Dizem também, que a árvore foi cortada para dar lugar ao loteamento, onde hoje, encontra-se localizado o Bairro *Nova Guaxupé*.

